



25 de Abril:
Liberdade, Sempre!

UM MAR DE GENTE, COM ONDAS de sorrisos, canções e cravos vermelhos, avançava pela Avenida da Liberdade, subitamente confluência de todas as esperanças que o 25 de Abril cravou na espessura do tempo. Cada rosto era um sinal luminoso de igualdade e cada palavra um encontro com o futuro, cada grito ou gesto parte de uma especial cartografia coletiva de Liberdade. Nunca aquela Avenida foi tão livre.

Dissolvido na multidão que, passo a passo, lentamente, fazia a festa da Liberdade, pensava como o 25 de Abril, depois de 50 anos, permanecia como reserva primordial desse imaginário ao mesmo tempo de liberdade livre e de resistência em que se inventa o futuro. Se me pedissem uma legenda para sobrepor àquele mar de gente colocaria seguramente a palavra Liberdade, do poema de Eluard, a ela acrescentando pátria livre. Estava ali, naquela multidão que gritava “Fascismo Nunca Mais”, a afirmação de uma vontade coletiva contra o regresso à noite mais triste, à solidão carcerária, aos direitos

postergados. Ao trazer-nos a Liberdade, o 25 de Abril tornou possível o direito à felicidade. Esse é o legado maior do 25 de Abril. O sonho tornado realidade faz meio século. Tantos anos! Não faltam arautos do fascismo a conspirar contra Democracia, saudosos da sombra e do silêncio, da miséria mansa, da ausência de direitos elementares, das prisões e dos exílios interiores e exteriores, dos tempos de servidão. Arautos do ódio e dos instintos mais baixos da natureza humana.

O mar de gente e os cravos vermelhos estavam ali. Há um país de pé, a dizer: "Não passarão!". À bestialidade do extremismo, Portugal responde: "fascismo, nunca mais! 25 de Abril, sempre! Sempre!" Como ar que se respira.

Desde “o dia inicial inteiro e limpo”, que Maria Helena Vieira da Silva pintou as cores da Liberdade, com a fabulosa legenda “a poesia está na rua”. E a poesia, de facto, pertence ao imaginário de Abril. Ofereço uma

Abril, um dia

Havia cravos vermelhos
levantados em cada mão
que eram bandeiras ao vento
ou legenda da própria revolução
havia versos inventados no momento
que cantavam a mais pura melodia
havia povo que sorria
e muita gente levantada do chão
havia a pintura de Maria Helena
a avisar: a poesia está na rua
havia a canção fraterna do Zeca
a lembrar que a luta vale a pena
havia o poema de Sophia
a gritar a limpidez do dia inicial
havia o tempo primordial
como brisa da própria liberdade
havia a aventura de viver
a utopia da plena felicidade
havia as palavras que voavam
e poisavam num futuro sem idade
havia gritos de emoção

a boca a falar ao coração
havia gestos de comum humanidade
e heróis que eram rosto da revolução
havia as sílabas da palavra liberdade
retiradas do poema de Eluard
havia o antes e o depois
do país das grades e da prisão
havia na cartografia da memória
a noite da mais triste solidão
havia a súbita luz do falar e do pensar
sem medo da sórdida repressão
havia sinais de esperança
nascida num só dia
havia o sonho da utopia
tornado real realidade
havia abril, um dia e sempre
marcando um destino: Liberdade!

25.04.24

Lisboa

FERNANDO PAULOIRO NEVES. Jornalista.

<http://www.fernandopaulouro.com/2024/04/25-de-abril-liberdade-sempre.html>

1º Maio:



Padre operário participou na primeira manifestação, há 50 anos, e aponta realidades laborais que «continuam extremamente problemáticas».

– O padre CONSTANTINO ALVES, da Diocese de Setúbal, afirma que a celebração dos 50 anos do primeiro 1º de Maio, é uma oportunidade para “revisitar, redescobrir e recordar” os desafios do trabalho e da dignidade humana.

“Há realidades que continuam a ser extremamente problemáticas, apelativas, interpeladoras, à sociedade no seu conjunto, aos governantes, aos trabalhadores e à Igreja”, indica o padre que foi operário e durante oito anos esteve sindicalizado.

“Há pouco tempo a Santa Sé publicou um documento sobre a questão da *dignidade humana*, em que fala do trabalho. É condição essencial, fundamental, o trabalho com direitos, com dignidade, para que uma pessoa possa ter uma vida decente. O que é que acontece hoje? O salário mínimo não dá para viver. Há esta grande pobreza: trabalha-se, não dá para comer e nem para habitação. São problemas gravíssimos”, acrescenta.

O sacerdote, que na Diocese de Setúbal organizou respostas sociais para acompanhar pessoas em situação de pobreza, a partir do que indica ser “o capital humano”, pede que se

“incomode o poder”, que se “coloquem no centro as prioridades sobre o trabalho”, com a “dignidade e direitos para os trabalhadores”.

“Sem dignidade e direitos não há família, sem isso há uma violência institucionalizada sobre a vida das pessoas, sempre dependentes no trabalho precário, na insegurança; há cada vez mais a fortificação do capital financeiro, económico, de elites, de políticas que legitimam esses interesses, e há aquilo que alguém escreveu – e acho que muito bem: a grande questão social hoje é a desigualdade social”, sublinhou.

O sacerdote indica a “contratação coletiva” como um instrumento “fundamental para existir justiça social” e lamenta que esteja a ser desvalorizada e “esvaziada” deixando os “trabalhadores indefesos”.

“Este é um dever também da Igreja estar atento a estas questões, trabalhá-las com leigos e ajudar a formar uma consciência cívica, política, social dos cristãos nas intervenções, porque a formação dos cristãos deve ser a formação no seu todo, não apenas a parte

do culto, da liturgia, da comunhão, da catequese, mas naquilo que é o principal na vida de um leigo. O que é que nos ensina a Igreja? É a sua condição secular: estar no mundo da cultura, da família, do trabalho, com os valores do Evangelho e serem cristãos aí prioritariamente. Mas faz-se ao contrário: normalmente formam-se cristãos para gostarem da Igreja, quando se devia formar cristãos para o mundo”, pede.

Em entrevista ao programa 70x7 que este domingo vai assinalar os 50 anos da celebração do 1º de maio, Dia do Trabalhador, o padre Constantino Alves recorda ter encontrado a Avenida dos Aliados, no Porto, **“repleta de gente com cravos vermelhos, cartazes, canções e alegria”.**

“Foi o início de algo que se acreditava que ia mudar. Tinha mudado o regime, e nessa altura perceberam que havia condições para os trabalhadores terem outras condições laborais. Muito rapidamente os trabalhadores começaram a organizarem-se, servindo-se de experiência de lutas clandestinas nas fábricas e nas empresas, também com militantes formados e ligados ao Partido Comunista, quer militantes cristãos da escola da Juventude Operária Católica, da Ação Católica, e que, conseguiram, muito rapidamente, efetuar uma transformação dos sindicatos e rapidamente pelo país inteiro começou a abrir-se um campo imenso de possibilidades”, recorda.

Em maio de 1974 o agora padre

Constantino terminava a sua formação em Teologia, no Seminário maior de Porto, tendo, três anos depois, **“para corresponder a um apelo que vinha do interior”**, trabalhando como servente em estaleiros e empresas.

“Eu era anónimo, conhecido como Constantino ou Alves apenas, ninguém sabia que eu tinha formação teológica, aliás, ainda não tinha sido ordenado padre. Quando fui ordenado padre, estava a trabalhar numa fábrica, em 1980, e depois, tomei consciência das injustiças que havia nas fábricas, preocupava-me com os outros, com as questões da justiça e da injustiça”, recorda.

O padre Constantino Alves recorda as palavras de D. Manuel Martins, bispo de Setúbal, no dia da sua ordenação: **“«O mundo operário apresenta-te à Igreja para que a Igreja te faça padre, e a Igreja devolve-te ao mundo operário para aí anunciares a boa nova da libertação dos pobres e dos oprimidos».** Foi uma frase marcante, programática, da minha missão”.

O padre que lembra **“almoços e jantares com D. Manuel Martins”, onde levava “uma lista com o nome das empresas de todo o Distrito de Setúbal, os problemas que tinham, os salários em atraso e os despedimentos”,** gostaria hoje que a Igreja hoje aproveitasse os sinais para se **“envolver e participar na vida das pessoas”.**

(26.04.2024) 1º Maio: Padre operário participou na primeira manifestação, há 50 anos, e aponta realidades laborais que «continuam extremamente problemáticas» - Agência ECCLESIA

1.º de Maio: «Vivi a condição operária na sua dureza», recorda padre LUÍS MARTINS FERREIRA, sobre «mais 40 anos» como padre-operário

Coimbra, 30 abr 2024 (Ecclesia) – O padre LUÍS MARTINS FERREIRA viveu “a condição operária na sua dureza”, como operário na França e na grande Lisboa, evocando um percurso de serviço à pastoral do trabalho.

“Tinham passado mais 40 anos, desde que em novembro de 1967, tinha começado a trabalhar. Vivi a condição operária na sua dureza: durante a maior parte do tempo passando nove horas por dia, junto de uma máquina num ambiente barulhento, construindo peças com medidas muito rigorosas”, lembra o padre Luís Martins Ferreira, num testemunho enviado à Agência ECCLESIA.

O sacerdote dos Filhos da Caridade viveu a sua condição de padre-operário “com camaradas de trabalho” que o aceitaram

como um deles e de quem ficou “amigo”, encontrou “grandes militantes pelas causas da justiça”, que o faziam de forma empenhada e generosa, e sofreu perante “as injustiças e as perseguições” frequentes nesses meios.

Aprendi a rezar durante o trabalho e a fazer as minhas reflexões espirituais ou sobre a condição operária ao barulho da minha fresadora ou do meu torno”, assinala o “padre-operário reformado, desde 2008”.

O padre Luís Martins Ferreira foi ordenado presbítero na Diocese de Coimbra, em 1968, no ano seguinte (1969), regressou a Paris (França), até 1972, e ingressou nos Filhos da Caridade.

Antes da ordenação, o sacerdote

português fez o estágio pastoral na capital francesa, viajou a 5 de outubro de 1967, “para conhecer o caminho da emigração dos portugueses fugidos à fome à guerra e viver essa experiência em equipa”, e encontrou trabalho passado “um mês à procura” e ter gasto “as solas dos sapatos de tanto andar”.

“Encontrei numa metalomecânica, na secção de reparação de rolos de máquinas de escrever. Os primeiros tempos foram muito duros. Saía às 05h00 da manhã e tinha a sensação de que a minha vida, além das nove horas de trabalho, era ir e vir da fábrica. Porque o local era barulhento, passava o dia a pensar e a rezar. Muitas vezes trabalhava ao sábado até ao meio dia. Descobri assim a condição operária e a sua dureza”, recorda, sobre essa primeira experiência.

Quando regressou a Portugal, “nos finais de 1972”, foi viver para a Cova da Piedade (Almada), formou uma equipa de Padres Operários, com mais dois Filhos da Caridade “o Crespo e o Chico Marques”, e trabalhou nas duas margens da área metropolitana de Lisboa, até à reforma.

“Foram mais de 40 anos de vida operário como fresador e torneiro mecânico. Fui diversas vezes delegado sindical e membro de Comissões de Trabalhadores”, sintetiza.

O padre Luís Martins Ferreira trabalhou na SOREFAME – Amadora; no 25 de abril de 1974 era fresador na STANDARD ELÉCTRICA, em Cascais, foi para a JOC (Juventude Operária Católica), “nos anos loucos do PREC” estava no MES (Movimento de Esquerda Socialista), foi trabalhar para a EQUIMETAL, no Barreiro, em 1981, tiveram “7 meses de atraso” nos salários, e foi formador de fresagem e torneamento no Centro de Formação de Setúbal (IEFP).

O sacerdote, que considera que “passados 40 anos muita coisa mudou”, observa que, hoje, “há novas tecnologias e acabaram a maioria das grandes empresas”, alerta que se “reduziu a força dos sindicatos”, com os contratos a prazo, os recibos verdes e “todas as formas precárias de trabalho”, e a maioria dos trabalhadores “está completamente à mercê da sede de lucros dos patrões”.

“Por isso, eu digo, pela experiência vivida, a única alteração estrutural do mundo do trabalho por conta doutrem, foi o aprofundamento da exploração do trabalho humano. Já não há lugar para a Social-democracia ou para a Democracia Cristã do pós-guerra”, realça o antigo padre-operário, que na reforma, esteve “em três paróquias da Diocese de Setúbal”.